

Walter Benjamin e a questão das narratividades

Walter Benjamin and the question of the narratives

Marcelo Santana Ferreira

Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

A partir de reflexões de Walter Benjamin sobre a arte de narrar, o artigo é fruto de uma indagação sobre as narratividades em pesquisas em ciências humanas que lidam com a palavra do outro. Considerando narratividade como um modo de enunciação assentado em uma compreensão política do tempo histórico, as contribuições de Benjamin ao estudo das narratividades são múltiplas. O intuito do artigo é a apresentação de algumas possibilidades de diálogo entre o legado de Benjamin e as narratividades em ciências humanas, principalmente aquelas voltadas à íntima relação entre contar histórias, instituir políticas de narratividade e inquirir o sentido filosófico e histórico da memória e do esquecimento.

Palavras-chave: narrativas; Ciências Humanas; Walter Benjamin.

ABSTRACT:

From Walter Benjamin's reflections on the art of narration, the article is the result of an investigation into the narratives in research in human sciences that deal with the word of the other. Considering narrative as a mode of utterance seated on a political understanding of historical time, Benjamin's contributions to the study of narrative are multiple. The purpose of this paper is to present some possibilities for dialogue between the legacy of Benjamin and the narratives in the human sciences, especially those aimed at the intimate relationship between storytelling, establish investigative policies about narratives and make a question about the philosophical and historical sense of the memory and forgetting.

Key-words: narratives; Human Sciences; Walter Benjamin.

Introdução

Para se pensar a questão das narratividades recorrendo ao pensamento de Walter Benjamin, é necessário localizar a grande preocupação do pensador com a articulação de uma concepção de história que não seja simplesmente aditiva, ou seja, que não se nutra simplesmente do acúmulo de dados históricos com vistas ao reconhecimento da temporalidade histórica. O grande problema é o da elaboração de uma concepção de história materialista, que se posicione epistemologicamente e politicamente em relação ao passado e, mais do que isso, em relação ao tempo.

Walter Benjamin (2008) escreveu o texto derradeiro do seu itinerário intelectual, as célebres *Teses sobre o conceito de história*, em 1940. Neste texto, o pensador sugere que a historiografia materialista se assente em um princípio construtivo, ao contrário de uma perspectiva tradicional, que se nutria simplesmente de uma imagem do tempo homogêneo e vazio. A historiografia materialista sugere que pensar inclui o movimento das ideias e, principalmente, a sua imobilização. A interrupção do fluxo da história só se torna possível por intermédio de uma atenção à reminiscência, em momentos de grande perigo pessoal e coletivo, como aquele vivido pelo próprio pensador no contexto histórico entre as duas Grandes Guerras. O apelo à reminiscência indica, de forma contundente, a preocupação do pensador com o problema das narratividades, uma vez que se relaciona com a transmissibilidade de uma experiência e com o reconhecimento de um encontro marcado entre as gerações, momento oportuno para a citação do sofrimento dos que foram vencidos no passado.

Experiência, narrativa e investigação histórica

Textos autônomos mas que se complementam são o abrigo da discussão de Walter Benjamin sobre as narratividades, como se pode depreender das discussões em curso em *Experiência* de 1913, *Experiência e pobreza* de 1933 e *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* de 1936. O pensador se inquieta com o problema da experiência, conceito fundamental em seu posicionamento em relação ao legado de Kant, que propusera uma imagem reduzida do conceito ao referir-se à física newtoniana, considerando a dicotomia entre sujeito e objeto do conhecimento como fundamental para se proceder a uma crítica do conhecimento e ao estabelecimento de limites à experiência. De acordo com Caygill (2000), há uma interpretação corrente de que o conceito de experiência em Kant esteja limitado à geometria euclidiana e à física newtoniana, mas há múltiplas possibilidades de interpretação da empresa kantiana. Em um texto de juventude, Walter Benjamin (1984) incorrerá em uma atitude que expressa certa rebeldia juvenil, como ele mesmo comentará. No texto em questão, o pensador critica a noção de experiência como máscara que protege os adultos da grandiosidade do que é imprevisível, tornando-os filisteus que fazem uso da experiência como se fosse seu evangelho. Com forte inclinação a um debate com a definição de experiência no sistema kantiano, Benjamin (1984) afirma e coloca um problema:

Nós (...) conhecemos algo que nenhuma experiência pode nos proporcionar ou tirar: sabemos que existe a verdade, ainda que tudo o que foi pensado até agora seja equivocado; sabemos que a fidelidade precisa ser sustentada, ainda que ninguém a sustentou até agora. Nenhuma experiência pode nos privar dessa vontade. Mas será que em um ponto os pais teriam razão com seus gestos cansados e sua desesperança arrogante? É necessário que o objeto da nossa experiência seja sempre triste? Não podemos fundar a coragem e o sentido senão naquilo que não pode ser experimentado por nós? (p.24)

Ao inquirir a experiência dos filisteus, Benjamin (1984) sugere uma ampliação do conceito, de forma a abrigar temas como a “verdade”, a “fidelidade” e a possibilidade de uma superação dos limites impostos pela definição kantiana, mesmo reconhecendo a magnitude do projeto de Kant. No entanto, no texto de juventude, a experiência é considerada como um limite colocado aos mais jovens, mesmo pela tradição, quando ele se refere aos pais e aos pedagogos. A experiência garante, além disso, uma oposição entre jovens e adultos, permitindo que os pedagogos mascarem sua concepção negativa da juventude por intermédio do sentimentalismo burguês e do saudosismo artificial dos anos de juventude. Investir contra a precariedade do conceito foi o objetivo do jovem pensador, ao buscar um diagnóstico da atitude filistéia do mundo dos adultos em relação ao apelo do espírito. Sem cindir o conceito, o pensador retomará questionamentos sobre a experiência, problematizando que objetos poderiam ser abrigados pela mesma e o que seria não assimilável à própria experiência. A saída seria, no contexto de 1913, permanecermos jovens, atentos ao “limiar do presente”, absolutamente estendidos na atualidade, sem nenhum tipo de preocupação com a utilidade ou com o futuro, como se percebe na célebre discussão de Nietzsche em sua primeira conferência na Basileia a respeito do futuro dos estabelecimentos de ensino moderno na Alemanha¹ (NIETZSCHE, 2004).

Em 1933, uma nova questão se impõe. Trata-se de pensar a dissolução da experiência transmissível de pessoa a pessoa, de geração a geração. Os sobreviventes voltaram mudos dos campos de batalha da I Guerra Mundial, chocados com a vitória da técnica sobre o espírito. O homem moderno é pobre em experiências transmissíveis, devido à mudança das forças produtivas, ao aparecimento da informação e à superação das sociedades do modo de produção artesanal. Somos – ainda – homens pobres em experiências, mas a fidelidade ao tempo presente é medida por nosso pessimismo em relação a ele: devemos nos contentar com pouco, começar com pouco, não nos ancorarmos na grandiosidade do passado e partir adiante, sem olhar nem para a direita

nem para a esquerda. Interessante notar que a experiência não é mais pensada como máscara, mas, fundamentalmente, como expressão artesanal e involuntária da relação com a tradição. Benjamin (2008) inicia o seu texto *Experiência e pobreza* com uma parábola e talvez aqui se encontrem algumas possibilidades primeiras de inserção no tema que nos mobiliza mais diretamente. Na parábola em questão, fala-se de um pai moribundo que em seu leito de morte anuncia aos filhos que há um tesouro enterrado em seus vinhedos. Após a morte do pai, os filhos cavam e não encontram nenhum tesouro, mas, na época da colheita, colhem as melhores uvas da região, aprendendo que o tesouro está no trabalho. Os filhos, através de uma ligação profunda com a palavra do pai – representante da tradição e das gerações passadas – aprendem, por intermédio da experiência, a natureza da sabedoria, chamada belamente por Walter Benjamin de “o lado épico da verdade”. Este tipo de ligação se desfez com a evolução das forças produtivas e quase ninguém mais é capaz de invocar a sua própria experiência para lidar com as gerações mais jovens. Não se trata, no texto em discussão e escrito originalmente em 1933, de uma renúncia ao tempo presente e de um saudosismo em relação às sociedades da amplitude de relação entre os homens e o modo de produção artesanal, mas de compreender as possibilidades imanentes ao contexto em que se encontra, com vistas à definição de uma nova dignidade, aquela que se assenta no reconhecimento de nossa pobreza. Não temos mais tradição a que nos aferrarmos, a emergência da imprensa permitiu que a consolidação da burguesia como classe dominante se efetivasse de forma eficaz e veloz. A informação é, justamente, o contrário do que se transmitia nas sociedades da tradição oral, uma vez que se assenta e só sobrevive no ineditismo. A informação se agarra à sua condição de inédita e se deteriora muito brevemente. No texto sobre a pobreza do homem moderno, Benjamin (2008) indica uma estirpe de homens que são fiéis à modernidade e fazem tábula rasa, instituindo novas formas de arte e novos princípios para o conhecimento. O pensador parte de Descartes, transita pela Física de Einstein e alcança Mickey Mouse, personagem que expressa a condição fatigante do homem moderno, que precisa sonhar, distender-se do acúmulo de choques imposto a ele nas sociedades modernas.

Pode-se destacar, aqui, o tema da finitude do narrador, como está colocado na parábola a que Walter Benjamin recorre. Nas sociedades da tradição oral, tratava-se de uma relação com a eternidade, em que muitas expressões da morte eram possíveis, já que o tempo da narrativa se dirigia à infinitude de conexões que os ouvintes vindouros poderiam estabelecer com aquilo que lhes fora transmitido através das histórias

compartilhadas. Para pensar a dissolução da arte de narrar e da figura do narrador da tradição oral, Benjamin (2008) problematizará nossa relação – moderna – com a morte, já que seremos deslocados do convívio com os nossos entes queridos no momento de transição do mundo dos vivos para a morte. A narrativa sempre se assentou na possibilidade de uma expressão de um tempo amplo, para além da figura do narrador, que transmitia, mesmo que involuntariamente, uma parte de sua própria experiência aos seus ouvintes, como se entende nas narrativas de *As Mil e uma noites*, em que Scherazade conta histórias para se afastar da morte e, ao mesmo tempo, permite que vozes múltiplas emergem em histórias sem autoria plena. A morte era constitutiva da tradição das narrativas orais, pois não era um escândalo o desaparecimento do narrador. Sendo o narrador uma das expressões do Justo², Benjamin (2008) buscará os contos de Nikolai Leskov, escritor russo do século XIX, em que emergem as personagens que se identificam com os animais, procedimento que os aproxima de uma “ímago materna”, mas não os subsume a figuras míticas.

Narrativas e investigações em Ciência Humanas

Que narrativas seriam possíveis em sociedades do modo de produção maquínico, em que somos impelidos a lidar com a novidade e com a moda? O romance é uma contrapartida de uma sociedade de indivíduos, forma de escritura em que o sentido da vida deve reluzir, principalmente no fim das narrativas. O escritor francês Marcel Proust procurou, ainda de acordo com Benjamin (2008), oferecer imagens de uma inteligência em gestos paroxísticos em relação às conexões involuntárias que se podia estabelecer com o passado. Mas o passado não é uma matéria bruta e acabada, requisitando uma forma de atenção cuidadosa que não é mais possível na modernidade, já que somos impelidos a considerar, mentalmente e materialmente, que o tempo se desenrole com vistas a um objetivo final. Nas sociedades do progresso – que são as sociedades capitalistas modernas –, a história é uma forma de narrativa em que os sofrimentos do presente são justificáveis com vistas à conquista de uma condição social melhor no futuro. A perspectiva de Benjamin nos aponta a necessidade de uma concepção de história que suspenda a ideia de nexos causais entre as temporalidades hegemônicas (passado/presente/futuro). Trata-se da defesa de uma renovada atitude histórica, em que os apelos dos vencidos no passado permitam uma interrupção do tempo do relógio, do

tempo vulgar e do tempo das historiografias dominantes, as historiografias dos vencedores.

Neste sentido, são possíveis conexões entre os textos sobre a arte de narrar e aqueles dedicados ao problema da experiência. No entanto, o problema maior ainda se mantém: que narratividades emergem a partir do diagnóstico de pobreza interna e externa do homem moderno? Proust, Kafka e Baudelaire indicarão posicionamentos estéticos em relação ao problema da ausência de tradição na modernidade e serão autores muito utilizados por Benjamin em sua articulação de uma concepção de tempo histórico e de história materialista. Em Proust, Benjamin (2008) encontra uma imagem de um esforço exaustivo de ampliação do tempo através do trabalho de reconhecimento da função da memória e do esquecimento. Para Benjamin (2008), em sua defesa do historiador materialista como um cronista da história, trata-se de submeter o esquecimento a um questionamento político: o que foi esquecido nas narrativas dominantes e o que se pode produzir através do encontro entre as gerações por intermédio de estudos históricos críticos? Um abalo no tempo, uma interrupção nos relógios, uma ruptura com os hábitos mentais da burguesia. A história não é uma especialidade com vistas à manutenção do que está estabelecido, mas a possibilidade de uma suspensão do tempo, através do relampejo de conexões insuspeitas entre o passado e o presente. É preciso narrar para que os mortos não sejam vencidos mais uma vez. A opção não é meramente estética, mas fundamentalmente política: narra-se para interromper o tempo artificial da produção maquinica, para dedicar-se a uma leitura do tempo. Saindo da referência à estética de Proust, Benjamin (2008) referir-se-á ao trabalho de Kafka, no sentido de um posicionamento em relação à ausência de experiência transmissível. Kafka nos indica a impossibilidade de transmissão (GAGNEBIN,1994), pelo fato de que não há mais tradição, não há mais sabedoria, não há o que ser compartilhado ou ensinado. É o que está em jogo em um dos seus contos em que um caçador, mesmo depois de morto, não consegue, efetivamente, morrer. De quem seria a culpa? Vagando entre a vida e a morte, o caçador não encontra mais repouso e não há o fechamento de uma vida considerada como obra que poderia ser enunciada no momento da morte. O caçador só vê sua própria vida como despojo (KAFKA,2002).

Benjamin (2008) se referirá à literatura de Kafka como uma das formas de compreensão das atitudes modernas diante da dissolução da tradição. Em Baudelaire, o pensador encontra uma atitude estética distante dos cânones em curso no século XIX, já

que o poeta considera que a perda da aura³ dos poetas e dos artistas permite uma nova relação com as massas desnaturadas. Trata-se de incorporar a febre, a pressa, a morte, o fedor e a transitoriedade em versos que não buscam leitores deslocados de seu próprio tempo. Os três autores citados auxiliam Benjamin a pensar a modernidade e a problematizar questões como a das narratividades. Contar histórias, articular historicamente o passado, posicionar-se em relação ao passado e fazer um diagnóstico do presente não são atitudes que se diferenciam nas discussões benjaminianas e, talvez aí, se elaborem as maiores contribuições para um estudo das narratividades nas sociedades contemporâneas. O pensamento de Walter Benjamin pode subsidiar uma discussão teórico-metodológica sobre a raridade dos vínculos entre as experiências dos homens contemporâneos, em que o isolamento e a individualização não permitem um compartilhamento de destinos. Mesmo o conselho se tornou obsoleto, considerado como uma intromissão alheia numa vida própria, mas compreendido por Benjamin (2008) como uma tentativa de participação de alguém numa história que lhe é narrada.

Contemporaneamente, as mídias têm assumido um lugar estratégico em nossa própria concepção da realidade e somos permanentemente impelidos a esquecer determinados aspectos de nossa experiência social, ao mesmo tempo em que somos mobilizados a cultivar uma percepção desinteressada pelos outros, preocupados com nossos próprios destinos, encapsulados em nossas moradias e em nossos passos apressados pelas metrópoles. Mas o pensamento de Walter Benjamin é um antídoto a todo tipo de fatalismo, pois pensar a raridade dos vínculos entre os homens é questionar sua suposta “necessidade” histórica. Em Ciências Humanas, o trabalho sobre a palavra do outro, sobre o esforço de sujeitos e de grupos em instituir narrativas sobre o próprio passado e sobre a elaboração de um “porvir” não pode se isentar de uma problematização teórica e ética dos modos de narrativa hegemônicos.

Nos estudos sobre a narrativa de Nikolai Leskov, Walter Benjamin (2008) encontra formas de elaboração de uma experiência em comum, transmitida na proximidade de lareiras, enquanto se fia e se tece. Mesmo que esta imagem não seja mais possível nas sociedades modernas, muito menos nas sociedades contemporâneas, uma grande contribuição de Benjamin se daria no questionamento da objetividade neutra daquilo que se narra, ou mesmo na impossibilidade de compreender uma narrativa como a expressão de uma identidade inamovível e de uma relação com um passado também fixo e, portanto, imóvel. Narrar, do ponto de vista da história materialista em Benjamin (2008), é identificar os fios que se remetem a uma

possibilidade de presente que não é o nosso. Narrar é uma forma de desconfiar da evidência do presente, já que se pode apontar as contingências que presidem as versões oficiais da história. Os estudos benjaminianos não opõem discussões teóricas a discussões eminentemente políticas, uma vez que contar histórias ainda é possível no presente. Crianças ainda se alegram com narrativas que são recontadas inúmeras vezes, provérbios ainda podem nos vir em auxílio em diversos momentos e a massa de acontecimentos históricos que precisam ser soterrados para a sobrevivência da ideia de progresso só tende a aumentar, vertiginosamente, em uma sociedade do “presentismo”, radicalização de um abandono das reflexões sobre o que é distante espacial e temporalmente, com vistas ao cultivo do que é novo.

As narrativas em Ciências Humanas não podem estar apartadas de uma reflexão política, na aproximação com o legado de Walter Benjamin. Narrar para quê? Narrar para evitar que se negue a palavra aos mortos. Narrar para evitar que os inimigos continuem vencendo e para fortalecer uma perspectiva que se avizinha do olhar da criança: atenção aos detalhes, ao ínfimo, ao transitório, às personagens sempre alocadas nos níveis mais baixos dos monumentos. A narrativa, em sua história materialista, permite que em Walter Benjamin não se abandone a versão fatalista vigente por outra, rancorosa ou saudosista. Afinal, a história deve servir à vida e não o contrário.

Existem inúmeras possibilidades de trabalho teórico-metodológico a partir das investigações de Walter Benjamin. Sobre o tema das narratividades, é preciso considerar que as pesquisas devem, necessariamente, dedicar-se a uma problematização da questão do tempo e da escritura, pois escrever não está separado do exercício do pensamento. Mesmo que as ações da experiência estejam em baixa e tenhamos substituído a relação artesanal com a palavra por uma relação mediatizada por *experts*, Benjamin (2008) sugere que o historiador materialista estabeleça uma experiência com o passado, matéria sobre a qual se debruça o conhecimento histórico. Uma experiência implica o reconhecimento do inacabamento e da relação entre as épocas. Neste sentido, há a preocupação com o estudo de objetos históricos como “mônadas”, ou seja, como configurações em que sejam alcançados outros objetos e uma imagem da própria época em que os objetos se constituíram. O estudo da palavra do outro implica a elaboração de uma nova relação com a lembrança e com o esquecimento. É um diagnóstico de nossa atualidade. Os estudos de Walter Benjamin não visam a uma defesa do acabamento do passado ou a uma individualização absoluta da palavra do outro, mas à possibilidade de instituir conexões entre os tempos e os indivíduos. Não recair em abstrações

psicológicas ou sociológicas também foi um esforço do pensador, que buscava defender o “sabor” da compreensão de um objeto histórico.

É possível afirmar que a concepção de história em Walter Benjamin remeta a uma re-elaboração do conceito de memória. Ao estudar a obra de Nikolai Leskov, como apontado anteriormente, Benjamin (2008) sugere que a figura do narrador esteja distante do nosso horizonte intelectual e afetivo; mas pensar historicamente é, também, uma forma de articular um posicionamento em relação ao passado. Reconhecer a dissolução da figura do narrador – aquele que transmite uma marca de si mesmo como o oleiro deixa as marcas de sua mão no barro de um vaso feito por ele – é dedicar-se a fazer um diagnóstico do presente, inaugurando uma espécie de “agora de cognoscibilidade”, em que se rompe a cronologia, com vistas a elaborar os apelos do passado. Mesmo não havendo mais tradição, Benjamin (2008) defende que o historiador materialista é um cronista da história, que inverte a lógica de estudos históricos que se preocupam somente com os grandes acontecimentos, voltando-se aos pequenos acontecimentos, ao detalhe, ao ínfimo, àquilo que não foi pensado.

O trabalho do cronista da história não se realiza sem uma discussão sobre a reminiscência, ou seja, sem uma dedicação ao trabalho de compor um fio narrativo que reconheça a relação entre as temporalidades históricas. Assim como o narrador não transmitia o puro em si mesmo ao contar uma história, o historiador materialista não impõe uma imagem concluída do próprio passado. De acordo com Benjamin (2008):

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialista histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. (p.224)

A reminiscência colocada no fragmento anterior remete-se à defesa de uma experiência com o passado em que se quebra a unidade do sujeito do conhecimento postado, de forma idealizada, sobre o fluxo do tempo. A reminiscência apropriada remete à repetição na história e ao fato de que o sofrimento do passado ainda é o sofrimento do presente. Trata-se, quase sempre, de identificar a necessidade de um salto em relação ao *continuum* das historiografias dominantes. Assim, faz-se justiça à palavra daqueles que já não estão entre nós. Mesmo sem tradição a se aferrar, o historiador materialista se aproxima do narrador e transmite um legado, uma herança que questiona as narratividades hegemônicas e inaugura uma abertura no tempo, como expressão do reconhecimento do “relampejar” de uma oportunidade de lutar por um passado

oprimido. Não faz sentido cultivar a imagem de uma ciência histórica dedicada simplesmente ao índice reconhecido do passado, pois se trata, verdadeiramente, da implosão de uma continuidade, da suspensão do tempo cronológico. O trabalho sobre o passado é uma narrativa artesanal e viril que questiona a objetividade dos fatos históricos e a unidade daquele que narra. Narrar é abrigar o inacabamento do tempo histórico.

De acordo com o próprio pensador, “Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso.” (BENJAMIN, 2008: p.223).

As contribuições de Walter Benjamin ao estudo das narratividades em Ciências Humanas são pertinentes em vários sentidos. O primeiro deles, sem dúvida, remete ao caráter coletivo das palavras em jogo na historiografia materialista. O narrador, nos estudos de Benjamin, contava histórias que interessavam aos seus ouvintes. Tais histórias permitiam que a relação com a tradição fosse sempre retomada no fio das ações em curso nas sociedades do modo de produção artesanal. Atualmente, é possível se voltar ao reconhecimento dos rastros de uma relação entre a vida de quem conta uma história e a vida dos que se dedicam a trabalhar sobre a palavra do outro. As conexões múltiplas entre a vida do pesquisado em Ciências Humanas e a vida do pesquisador escoam na elaboração de textos que procuram abrigar a dissolução da centralidade da enunciação na biografia de quem fala. A palavra do narrador é imediatamente política, bem como a natureza do método da historiografia materialista. Trata-se, em Walter Benjamin, de citar o encontro que as gerações marcaram na história para que seja possível livrar-se da teleologia do progresso e das falsas continuidades.

É possível fazer, inclusive, uma relação entre a perspectiva adotada pelo pensador alemão em torno do problema da narrativa e a reflexão de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2002) sobre a literatura de Kafka, pensada como uma literatura menor, em que se trata do abrigo de um “agenciamento coletivo de enunciação”. Considerando as grandes literaturas, Deleuze e Guattari pressupõem que, nelas, o meio social sempre serve de ambiente ou de fundo, enquanto que na literatura menor trata-se de outro encaminhamento: “A literatura menor é completamente diferente: o seu espaço, exíguo, faz com que todas as questões individuais estejam imediatamente ligadas à política. A questão individual, ampliada ao microscópio, torna-se muito mais necessária,

indispensável, porque uma outra história se agita no seu interior.” (DELEUZE e GUATTARI, 2002: p.39)

Quando as questões individuais remetem-se às conexões comerciais, políticas e coletivas, muitas outras história agitam-se em seu interior, deixando de poder ser consideradas como expressão de uma vida particular auto-centrada. Em Walter Benjamin, por exemplo, tratava-se de um estudo da própria infância como uma experiência que diluía, na articulação de uma forma de escrita, a unidade do eu daquele que escrevia. Politicamente, os fragmentos transmitidos pelo narrador são como sementes que mantêm seu poder germinativo para além do tempo cronológico, dependendo dos nexos que os ouvintes consigam reconhecer em suas próprias reminiscências a partir dos perigos com que se confrontem social e politicamente. Gagnebin (1994) questiona a atualidade do legado do pensamento de Walter Benjamin sobre o tema das narratividades ao introduzir uma pergunta em sua investigação: “Não contar mais?”.

Ao fazer tal pergunta, Gagnebin (1994) retoma parte do itinerário de Benjamin, remetendo-o ao estudo das obras de Proust e de Kafka com a finalidade de identificar a problematização benjaminiana acerca do “contar histórias” e, finalmente, de articular uma concepção de história materialista. Para a comentadora, trata-se de uma reflexão profunda, em Benjamin, sobre a lembrança e o esquecimento. Esquecer, paradoxalmente, funda e arruína os procedimentos da memória. Nas sociedades contemporâneas, devido à centralidade de mídias e de um incentivo institucional ao esquecimento, “contar histórias” e dedicar-se a um trabalho sobre a palavra do outro remetem, necessariamente, à problematização do cultivo do esquecimento e a uma reconsideração do estatuto político da memória. De acordo com Benjamin (2008), esquecemos que a cultura e sua transmissão não são isentas de barbárie, que os inimigos que venceram os mortos das gerações passadas não cessaram de vencer e que a ideia de um futuro estabelecido como meta é expressão do hábito de considerar a sinonímia entre desenvolvimento tecnológico e evolução do gênero humano.

Para concluir

Para Benjamin, trata-se, fundamentalmente, de um apelo à interrupção do tempo vigente. E as narratividades em Ciências Humanas podem ser a radical expressão de uma paralisação da história dos vencedores. Micro-lutas podem ser reveladas na

enunciação de um indivíduo, agenciamentos institucionais e históricos podem ser reconhecidos em modos de constituição de si mesmo, e a palavra do outro pode não se tornar apenas a estética vazia – embora eloquente – de um interesse acadêmico por modismos inférteis. Mas se a palavra do outro pode interromper versões dominantes sobre o passado e ajudar na composição de um novo “agora” que questiona a objetividade da história, não se pode cindir estudos sobre a narratividade de críticas ao objetivismo em Ciências Humanas. Para quê e para quem se narra? Recorramos à imagem definida, artesanalmente, pelo próprio Walter Benjamin, em seu afã de compor teses que poderiam ser lidas pelos homens do futuro, nós, os que nos debruçamos sobre seus textos a fim de identificar fios narrativos que implodam a continuidade da temporalidade histórica: “Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais.” (BENJAMIN, 2008: .225)

Para pensar as narratividades, é preciso pensar os modos institucionalizados de enunciação, as formas hegemônicas de referência ao passado e a ausência de tradição. Sem compreender o sentido histórico das narratividades dominantes, não será possível empreender metodologicamente e politicamente formas desviantes de interpretação e de elaboração do passado e, mais do que isso, do próprio tempo. As contribuições de Walter Benjamin para o estudo das narratividades são muitas. No texto que se finda, algumas dessas contribuições foram apresentadas. Mas a obra do pensador é um convite a futuras leituras, que a retirem do risco de se tornar canônica e que prossigam na aventura de não permitir que a tornem disciplinada. A obra de Benjamin retoma, em sua própria recepção, os problemas que são evocados pelo pensador: a *res* do inacabamento do passado e da inconclusividade do tempo histórico.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

KAFKA, Franz. *Narrativas do espólio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. São Paulo: Loyola, 2004.

Marcelo Santana Ferreira

Professor Adjunto de Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e
Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal

Fluminense

E-mail: mars.ferreira@yahoo.com.br

¹ Na discussão em questão, empreendida no final do século XIX, Nietzsche (2004) relembra seus tempos de jovem estudante, em que era possível um total desapego ao futuro, ou seja, em relação a questões meramente utilitárias. O pensador sugere imagens de uma extensão no limiar do presente, sem qualquer tipo de questionamento sobre o que se tornaria futuramente.

² Walter Benjamin (2008) afirma, em seu texto *O Narrador*, que “O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida(...) O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.” (p.221). A imagem do justo é uma expressão da íntima relação da narrativa com a temporalidade ampla do modo de produção artesanal e com a centralidade da experiência compartilhada entre homens e gerações.

³ A discussão sobre a aura é ampla na obra de Walter Benjamin. Aqui, para não se perder o objetivo mais central, é suficiente considerar que a aura seja a expressão de uma distância, por mais próximo que um objeto percebido seja de nós. Para Baudelaire, de acordo com Benjamin, a perda da aura, que qualificava o artista como um ser singular em relação ao homem comum, traz novas possibilidades de consideração do estatuto da arte e, mesmo, de experimentações estéticas. Para um maior esclarecimento a respeito desta discussão específica, ver BENJAMIN (1994).